

**Manoel LOSADA, Victor Hugo S. LAPENTA  
Olga de SA, Dalton Barros de ALMEIDA,  
*A Vida Religiosa enquanto  
instituição***

---

LEITURA PSICOLÓGICA. RIO DE JANEIRO, CRB, 1992, 223 PP.

---

Fruto de um seminário para psicólogos e formadores em 1990, esse livro foi complementado por um livro de exercícios dos mesmos autores e que leva o nome de *Para aprofundar a Vida Religiosa enquanto instituição*. Exercícios e subsídios para a formação. Rio de Janeiro, CRB, 1994, 126 pp. Os livros são muito coerentes entre eles e o segundo quer ser uma facilitação para a compreensão do primeiro, que foi inteiramente teórico, com divisão dos assuntos em partes para reflexão comunitária e prática de exercícios.

A novidade dos livros consiste em chamar nossa atenção sobre o fato de que a vida em comum não consiste em um ajuntamento de pessoas que ficam casualmente lado a lado, mas que, estando unidas, elas reagem como um grupo que tem certas regras e certos modos de ser que não se explicam simplesmente pela soma ou pelo contraste das qualidades individuais de cada um.

Para aprofundar essa condição comunitária, Manoel Losada aplica um método de estudo que se chama de análise institucional. É um estudo de psicólogos que querem conhecer os relacionamentos criados pelos indivíduos que se encontram, que dialogam sobre a presença de um ao outro e estabelecem práticas que lhes permitem colaborar entre si. Esse discurso-prática constitui **dialeticamente a organização que evoluindo através da fixação legal se transforma em instituição**. Esta pode ser um instrumento de crescimento das partes associadas se acontece entre elas a vida como grupo-sujeito.

Victor Lapenta analisa como essas instituições se organizam através do tempo e do espaço dando-se continuidade e estrutura localizada conforme seus desejos e vitalidade. Essa situação institucional dos impulsos religiosos de serviço é uma riqueza que pode crescer, mas pode também transformar-se num fixismo diminuidor da vida ou numa desordem inibidora do desenvolvimento. A história (tempo) e a cultura (lugar) atuais abriram espaços novos sendo nisso ajudados pelo Vaticano II e Medellín-Puebla para a América Latina. Ficam os desafios para a práxis dos antigos e para a formação dos novos.

Na instituição, o poder sempre assusta. É força de alguns sobre muitos. Olga de Sã, após analisar os maus poderes, desvenda a necessidade de um poder de integração. E nesse caminho encontra o poder serviço e o poder utopia que abrem horizontes para a ação comunitária de sujeitos como merece ser a vida religiosa.

A consagração na vida religiosa é um desejo transformado em opção de vida, consagração objetiva. Entretanto, o institucional pode coloca-lo na difícil posição de crise, não lhe dando um substrato que mereça consagração subjetiva, constata Dalton Barros. A proposta da inserção, tão diferente do modelo clássico levou a vida religiosa à descoberta da necessidade de uma valorização do subjetivo. São novos territórios da experiência da vida religiosa que devem ser vividos com lucidez e coragem.

Ambos os livros merecem ser lidos. Chamam nossa atenção para um problema que todos têm: como vivermos juntos no pluralismo dos desejos e das missões e ainda mais ajudando-nos mutuamente sem nos transformarmos em concorrentes que devem repartir o bolo das vantagens que nos traz o vivermos em comum... ou as heranças do passado que nos deixaram prédios e outras propriedades...

Nossa vida religiosa hoje faz-se muito ao redor de capítulos e assembléias. Podemos não estar unidos, mas estamos frequentemente reunidos. Discute-se, vota-se e decide-se. Pressionamo-nos uns aos outros exigindo colaboração e aceitação de propostas alheias. Pelo menos para não darmos trombadas, vai ser preciso alguma ordenação em nossos movimentos de reunidos.

Não só como grupo precisamos tomar cuidado para não nos machucarmos uns aos outros. Cada indivíduo pode falhar completamente em sua vida individual se entrou no grupo errado ou se entrou errado no grupo certo. Destrói a si e destrói aos outros.

Essas três situações são facilmente ajudadas a se corrigirem com maior normalidade se são executados os exercícios do segundo livro.

Entretanto há problemas que ficaram fora dos livros que poderiam ser mais desenvolvidos. Faltou na parte teórica: os autores são psicólogos, acostumados ao exame do interno dos indivíduos e usam com parcimônia as análises institucionais de sociólogos, psicossociólogos, antropólogos ou mesmo de analistas de sistemas sociais modernos como a política e a dinâmica de grupo.

Falta também uma parte prática de análise institucional mais larga do que os desejos ou os impulsos internos. Falta a análise do poder como situação de comunidade, faltou aprofundamento das leis do interrelacionamento. Falta compreensão da realidade que é a sociedade onde a comunhão se faz pela participação parcial e não apenas pela comunhão integral. A vida religiosa não é um clube de amigos ou membros do mesmo sangue, mas uma união de vontades ao redor de algo maior que elas mas nem por isso menos íntimo a elas: sua fé no Deus que faz propostas a serem aceitas enquanto vontade decidida. A fé tem uma extensão que não se pode confinar ao simples desejo, mas que só adquire sentido quando se torna decisão ultrapassando o simples desejo, por mais psicológico que seja.

Enfim, dois livros úteis e que pedem continuação do diálogo entre os religiosos e a análise institucional de sua vida.

*P. Antonio Silva CSSR*  
*Professor de Teologia Pastoral*  
*Instituto Teológico São Paulo — I.T.M. Alfonsianum*